

Gabriela Bueno

Projeto de Pesquisa:
Umbandistas e suas vivencias: O preconceito e a intolerância religiosa.

PUC – SP
São Paulo
2009

Gabriela Bueno

Umbandistas e suas vivencias: O preconceito e a intolerância religiosa.

**Projeto para obtenção do
título de especialista em
História, sob orientação da
Profa. Dra. Helenice
Ciampi Ribeiro Fester.**

**PUC – SP
São Paulo
2009**

Sumário

Resumo.....	04
1.Justificativa.....	05
2.Fontes e Metodologia.....	10
3.Objetivos.....	14
Cronograma.....	15
Bibliografia.....	17
Anexo.....	19

Tema:Umbandistas e suas vivencias: O preconceito e a intolerância religiosa.

Resumo:

Este trabalho pretende analisar, por meio das experiências de umbandistas paulistas as questões que se atrelam ao preconceito e a intolerância. Utilizando a História Oral como método para a pesquisa, pretendo entender por meio das vivencias individuais, se o umbandista necessita encontrar novas formas para sentir-se socialmente aceito e como isso se faz no plano concreto de sua existência.

Esclarecer enfim questões pertinentes ao cotidiano destes umbandistas. Será que estes homens e mulheres necessitam negar sua escolha religiosa? Será que estes sofrem privações sociais de alguma espécie por conta de sua religião? Será que homens e mulheres sentem os entraves da escolha religiosa da mesma forma?

1. Justificativa

“Em um mesmo grupo podem conviver vários tipos de “narrativas históricas”, mas certamente algumas “narrativas” dominam os principais meios de comunicação e transmissão de valores. Ampliar o número de “autores” da história abre espaço para a construção de múltiplas narrativas históricas e cria a possibilidade de revisão de tais valores.(...)”(História Falada, 2006, p.204).

Em meio à sociedade moderna e por conta da economia globalizada, constatamos que estas geram interferência nas diversas formas culturais e, isto ocorre porque a religião é usada como uma das fontes de alienação, uma vez que o ser humano não consegue “encaixar-se” na sociedade capitalista tal como é posta, sendo então a intolerância e o preconceito religioso fenômenos que ocorrem em detrimento dessa dissonância gerada pelo capital. O abismo entre ricos e pobres coloca pessoas em lados opostos, principalmente, com relação aos benefícios materiais.

O Brasil é hoje concebido por sua multiplicidade de manifestações culturais, étnicas e religiosas. Esta riqueza cultural, percebida na cidade de São Paulo que também é palco das mais diversas manifestações, assim como as que aconteceram no ano de 2008 em homenagem ao Centenário da Umbanda, com reuniões, festas (no Parque do Ibirapuera e simpósios para o debate tanto de normas para a religião, como políticas de combate ao pré-conceito e a intolerância. Indo além, o preconceito é gerador de

debates na academia, nas conversas entre amigos, nas escolas, enfim em todas as esferas sociais. Por isso é de extrema importância pensar o quanto os umbandistas ainda são tratados como membros de uma religião periférica e marginalizada. Entretanto, no momento de seu surgimento a Umbanda encontrava-se extremamente ligada à classe média e às necessidades pertinentes à industrialização das cidades brasileiras. A religião é uma forma de legitimação de classe que se originou no final do séc. XIX e início do XX.

Sendo o Brasil um país miscigenado e, formado por culturas e etnias diversas, não é difícil entender o nascimento de uma religião, que seja síntese dessas culturas. Na obra “A morte branca do feiticeiro negro”, Renato Ortiz, faz análises das relações entre cultura e as classes sociais, tratando a Umbanda desde o momento de sua criação, até como se dá a sistematização da religião tão importante para que se encaixe no mercado religioso e assim possa concorrer na busca por fiéis.

Assim, concordamos com o autor quando afirma que, em um país que se vê formado por um grande número de etnias é quase inevitável que se forme uma religião que sintetize todas as outras, mesmo que com traços africanos bem marcantes, como no caso da Umbanda. Tais traços apresentam-

se mais abertamente, em segundo momento devido à ideologia “branca e de classe”.

Neste contexto e mais exatamente em fins do século XIX, com a abolição da escravidão e a República a sociedade brasileira que se forma pós 1889 (e todas as suas implicações) é, sobretudo, formada por mestiços que encontram no embranquecimento uma forma de legitimar-se e ascender socialmente. Este era um costume comum à época, que vêem no modelo europeu o máximo de desejo social.¹ Assim sendo, é em especial em São Paulo que se encontra a maior parte dos imigrantes que vieram para trabalhar nas plantações de café, e é aí também que o processo de industrialização irá encontrar-se mais acelerado, sendo este decorrente dos lucros com as plantações de café que passa a injetar capital na indústria de bens de consumo. Nesta lógica o “branqueamento” irá legitimar-se, com a crescente população de imigrantes, a sociedade brasileira e no caso a paulista, agora não é mais de todo negra e sim mulata ou branca, e são esses que irão buscar uma religião que legitime suas vontades.

Lísias Nogueira Negrão em sua obra “Entre a Cruz e a Encruzilhada” vai além de Ortiz. Em suas análises, o autor baseia-se em levantamento de artigos de jornais, periódicos, entrevistas, atas de abertura dos “terreiros”,

¹ A respeito do fenômeno da mestiçagem ver quadro sobre o percentual de brancos, negros e mestiços nos anos de 1835/1872 e 1890 em ORTIZ, 1977, p. 24.

enfim uma infinidade de documentos para traçar paralelo entre a legitimação e sistematização que ocorre com a Umbanda até meados de 1990 tentando entender a religião que segundo ele é sincrética em sua essência e assim vai continuar.

Ainda sobre este trabalho o autor busca nos “centros” visitados e nos cultos assistidos entender a moralização pela qual a religião passou e passa até o momento estudado. O mesmo acontece nos depoimentos que não tem a pretensão de ser fonte fundamental, mas que dialogam com as demais fontes evidenciando a ética dos umbandistas incluindo relatos de preconceito sentido e vivenciado pelos adeptos, que neste caso são “pais de santo” que tem por função dentro da religião a organização tanto do templo quanto do culto.

O umbandista aparece então como sujeito histórico que possivelmente vivencia esta relação entre o pré-conceito e a intolerância e portanto necessita encontrar novas formas de inserção social, seja por meio da afirmação de sua escolha religiosa ou por meio da negação desta escolha.

Por sua vez, Morin nos adverte:

“A história avança, não de modo frontal como um rio, mas por desvios que decorrem de inovações ou de criações internas, de acontecimentos ou acidentes externos. A transformação interna começa a partir de criações inicialmente locais e quase microscópicas, efetua-se em meio inicialmente restrito a alguns indivíduos e surge como desvios em relação à normalidade. Se o desvio não for esmagado, pode, em condições favoráveis, proporcionadas geralmente por crises, paralisar a regulação que o freava ou reprimia, para, em seguida, proliferar de modo

epidêmico, desenvolver-se, propagar-se e tornar-se tendência cada vez mais poderosa, produzindo a nova normalidade. Foi assim com todas as invenções técnicas, a atrelagem, a bússola, a imprensa, a máquina a vapor, o cinema, até com o computador; foi assim com todas as grandes religiões universais, nascidas de uma preleção singular, com Sidharta, Moisés, Jesus, Maomé, Lutero; assim foi com todas as grandes ideologias universais, nascidas em algumas mentes marginais.” (Morin, 2006, p.81-82).

Ainda como justificativa acredito que minha própria história esteja atrelada a todas questões anteriores. A Umbanda apareceu em minha vida muito cedo, pois fui batizada nesta religião o que já mostra que meus pais eram adeptos de tal religião. Cresci freqüentando um terreiro com a família e minhas lembranças desta época são muitas, pois logo que comecei a andar e entender o que acontecia ao meu redor criei o hábito de correr das “giras”² do terreiro³. Lembro das conversas com os colegas da escola durante as quais comentávamos sobre religião e lembro que a maioria se manifestava com certo teor de preconceito. Não poderia ser diferente, afinal, na região onde moro, tem um número bem grande de evangélicos e católicos fervorosos.

² “Seção de terreiro onde se processa o ritual” OMOLUBÁ, 2002 p. 93

³ O termo refere-se ao templo da Umbanda onde se processa o ritual.

2. Fontes e Metodologia

A metodologia baseia-se e decorre do debate entre o objeto de pesquisa e os textos teóricos e historiográficos para que a problemática da intolerância, que gera o pré-conceito acerca dos adeptos Umbanda, seja da melhor forma estudada e analisada.

Nogueira Negrão e Ortiz analisaram e traçaram como se dá a organização da Umbanda enquanto religião construída historicamente e portanto serão os autores usados como fonte para o debate das questões sobre a história desta religião, sua organização e a busca por legitimação.

A Umbanda é uma religião com fortes traços orais onde tudo que é ensinado, desde os preceitos até as práticas, são transmitidos basicamente pela oralidade, não necessariamente de pai para filho, mas entre os que tem a religião como elo que os une. No caso da Umbanda, o pai que transmite a história e os preceitos, não necessariamente é o pai biológico e sim o “pai de santo” que conduz seus “filhos”.

A história oral será trabalhada como metodologia. As fontes serão entrevistas, a idéia é ter como entrevistados quatro pessoas adultas com idade média entre 18 e 30 anos, sendo dois homens e duas mulheres que sejam praticantes da Umbanda a pelo menos cinco anos. Esta escolha está

ligada também à relação de gênero que pretendo esclarecer entre os praticantes da Umbanda.

Para compreender mais profundamente tais questões é de extrema importância o entendimento sobre o dia-a-dia dos umbandistas, como a religião faz parte de suas vidas e como está presente em quase todos os seus momentos.

“História oral é um processo de aquisição de entrevistas inscritas no “tempo presente” e deve responder a um sentido de utilidade prática, social, e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas.”(Meihy e Holanda, 2007, p. 19).

“Um dos erros mais comuns é a confusão entre o mero uso de entrevistas e história oral. Entrevistas são diálogos efetuados para instruir temas ou argumentos nebulosos ou informativos e seu alcance muitas vezes se esgota nisso. História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social. Enquanto a entrevista subsidia outros tipos de documentos, no caso da história oral o que se pretende é a centralização das narrativas que se constituem, desde sua concepção, em objeto central das atenções.” (Meihy e Holanda, 2007, p. 64).

Por isso o uso da história oral como metodologia é fundamental para este trabalho. Por meio das entrevistas pretendo analisar as questões pertinentes ao pré-conceito vivenciado por membros da “Umbanda”, ou seja, de que forma sofrem e por qual motivo acabam por esconder, de alguma forma, sua escolha religiosa chegando até a declarar que é adepto de qualquer outra religião que se julgue mais aceita.

“Mudança social, colocada como impacto desejado pelos projetos de memória. Articular pessoas por meio da produção e conhecimento de suas experiências é fundamental para romper o isolamento de alguns grupos sociais e impulsionar processos de mudança das relações sociais, políticas e economias. Ouvir o outro é o primeiro passo para respeitá-lo. Além disso, acreditamos que a pessoa, a comunidade, o grupo que conta sua história, percebe a dimensão do que realizou e reafirma sua capacidade de decidir e participar. O objetivo desse trabalho é devolver a cada um o papel de protagonista, criando um acervo múltiplo de memória comum a todos, que ajude a perceber o mundo não só do nosso ponto de vista, mas também a partir da visão dos outros membros da sociedade” (Museu da Pessoa, 2006,p.11)

“(...) Por isso dizemos que a história de vida não conta apenas o “passado” de uma pessoa, mas revela muito sobre seu presente e indica como ela vislumbra seu futuro.(...)” (Museu da Pessoa, 2006,p. 203).

Paul Thompson no texto “História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro” acredita ser a história oral uma forma de dar voz não só aos menos documentados, mas também aqueles que os números oficiais não trazem a tona, a interferência, os conflitos que existem por trás dos números ou documentos. Sendo a história oral um método para olhar e analisar as influências sentidas na vida cotidiana.

Estudar os relatos de experiências umbandistas, no entanto, não se completa se não analisarmos também as medidas tomadas pelo órgão que regulamentam a Umbanda no Estado de São Paulo, sendo neste caso imprescindível o estudo sobre as ações do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo (SOUESP), que como Federação toma medidas e realiza congressos para discutir o preconceito e a intolerância. Assim sendo, delimita-

se o estudo sobre os umbandistas da cidade de São Paulo, região onde o órgão atua.

3. Objetivos

1. Investigar a relação do umbandista com sua religião e com os adeptos de outras religiões.
2. Explicitar as implicações práticas na vida cotidiana dos que fazem sua escolha religiosa pela Umbanda e como, seus adeptos acreditam ser vistos pela sociedade.
3. Investigar as possíveis diferenças de gênero existentes no tratamento de Umbandistas.
4. Analisar a articulação entre umbandistas e a Federação notadamente com relação às medidas efetivas tomadas pela Federação no combate ao pré-conceito e a intolerância.
5. Ampliar o debate acerca do pré-conceito religioso e sua implicação que é a intolerância.

Cronograma:

Foi dividido em ano I e II levando-se em consideração dois anos para realização e finalização do projeto.

Ano I

Janeiro – (Tempo para leitura). Leitura e análise da bibliografia selecionada.

Fevereiro - (Tempo para leitura.) Leitura e análise da bibliografia selecionada.

Março – Leitura e análise da bibliografia selecionada e localização dos entrevistados.

Abril –Relaboração do roteiro da entrevista e localização dos entrevistados.

Maió – Realização das Entrevistas.

Junho – Realização das Entrevistas.

Julho – Realização das Entrevistas.

Agosto – Realização das Entrevistas.

Setembro – Transcrição das entrevistas.

Outubro – Transcrição das entrevistas.

Novembro – Edição das entrevistas.

Dezembro – Edição das entrevistas e levantamento das categorias de análise.

Ano II

Janeiro – Indexação das entrevistas.

Fevereiro – Leitura de bibliografia de apoio.

Março – Análise dos dados.

Abril – Análise dos dados.

Maiο – Análise dos dados.

Junho – Elabοraçāo do texto final.

Julho – Elabοraçāo do texto final.

Agosto – Elabοraçāo do texto final.

Setembro – Elabοraçāo do texto final.

Outubro – Elabοraçāo do texto final.

Novembro – Elabοraçāo do texto final.

Dezembro – Entrega de trabalho final.

Bibliografia:

- BARBUY, Heraldo.** Marxismo e Religião. São Paulo: Dominus, 1963.
- BIRMAN, Patrícia.** O Que é Umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Registrado em Cartório com Firma Reconhecida: A Mediação Política das Federações de Umbanda. ISER, Cadernos do ISER, nº 18, p. 80-121, 1985.
- BROWN, Diana.** Uma História da Umbanda no Rio. ISER, Cadernos do ISER, nº 18, p. 09-42, 1985.
- CARVALHO, José Jorge de.** A Tradição Mística Afro-Brasileira. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, vol. 1, p. 93-122, 1977.
- CONCONE, Maria Helena Villas Boas e NEGRÃO, Lísias Nogueira.** Umbanda: da Representação à Cooptação. O Envolvimento Político Partidário da Umbanda Paulista nas Eleições de 1982. ISER, Cadernos do ISER, nº 18, p. 43-79, 1985.
- FREITAS, Ricardo Oliveira de.** Candomblé e Mídia: Breve Histórico da Tecnologização das Religiões Afro-Brasileiras nos e Pelos Meios de Comunicação. Acervo Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, 2003.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom, Holanda, Fabíola.** História Oral: Como Fazer, Como Pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MADURO, Otto.** Religião e Luta de Classes: Quadro Teórico para a Análise de Suas Inter-relações na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira.** A Umbanda com Expressão de Religiosidade Popular. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, nº 4, p. 171-180, 1979.
- _____. Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OMOLUBÁ. Magia de Umbanda: Instrução Religiosa. São Paulo: Cristális Editora e Livraria, 2002.

ORTIZ, Renato. A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Wadna Audiane Salles da. Religião e Sociedade Contemporânea: Uma Análise da Religião no Mundo Atual. Aparecida do Taboado: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Lazer de Aparecida do Taboado MS, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros. Rio de Janeiro: Dahar, 1981.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Tradutor. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

WORCMAN, K e PEREIRA, J. Historia Falada: memória, rede e mudança social. São Paulo,SESC SP:Museu da Pessoa:imprensa Oficial do Estado de São Paulo,2006.

SUPERIOR ÓRGÃO DE UMBANDA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Sobre a Federação. <http://www.souesp.com.br>. Acessado em 06 novembro de 2006.

_ <http://www.umbandaemfoco.com.br>. Acessado em 27 agosto de 2009.

PRIMADO DE UMBANDA: ORGANIZAÇÃO FEDERATIVA NACIONAL. História. <http://www.primadodeumbanda.com.br>. Acessado em 06 novembro de 2006.

UNIÃO DAS TENDAS DE UMBANDA E CANDOMBLÉ DO BRASIL. Umbanda História. <http://www.unaodetendas.com.br>. Acessado em 13 de novembro de 2006.

Anexo

Roteiro para entrevistas.

Cadastro do entrevistado: nome/ informações de contato/ filiação/ estado civil/ profissão/ sexo/ data da entrevista **/local** e duração.

- Identificação:

- **Diga o seu nome, a cidade e a data do seu nascimento.**
- **Diga o nome dos seus pais, profissão. Ainda são vivos?**
- _ **Cresceu em família grande ou pequena, qual o número de irmãos, todos vivos?**

Infância:

- _ **Fale-me sobre a sua infância, quais as brincadeiras preferidas,... a primeira escola. As primeiras experiências religiosas...**

Envolvimento com a Umbanda:

- **Comente** fatos/episódios que se relacionam aos seus primeiros momentos com a Umbanda, como conheceu, como começou a frequentar...
- Comente os episódios mais **marcantes na prática da umbanda.**

Relações sociais e a umbanda :

_ Comente a sua prática religiosa e a relação familiar. Quais as religiões de sua família? Há conflitos neste sentido?

_ As pessoas com as quais você se relaciona, seja na escola, no trabalho ou o grupo de amigos próximos sabem da sua escolha religiosa?

- Relate um momento em que você abriu sua escolha religiosa para alguém que não a conhecia, como foi? Qual a reação?

Cotidiano e a prática religiosa

_ Como é o seu dia a dia e a prática religiosa?

_ Quanto tempo do seu cotidiano é dedicado a prática da umbanda?

Significado da Umbanda

_ Me diga o que é a Umbanda para você, o que significa esta escolha? Qual importância ela tem na sua vida?

Final

O que foi para você dar esta entrevista?